



FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS DESAFIOS DE
ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA PÚBLICA.

A ACOLHIDA COMO MOMENTO PEDAGÓGICO NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Eixo: Prática Pedagógica e Currículo Escolar

Subprojeto: Alfabetização (Pedagogia)

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Bruna Vitória Barbosa da Silva Porto (brunavitoriapb@gmail.com);

Cenilza Pereira dos Santos (cpsantos@uefs.br);

Palavras-chave: Acolhida. Alfabetização. Prática pedagógica. Ensino fundamental.

1 INTRODUÇÃO

Acolher a criança diariamente constitui um aspecto importante para o seu desenvolvimento cognitivo. Ao assumir um caráter pedagógico, a acolhida se revela um importante elemento da rotina escolar, sendo uma metodologia que propõe as atividades pedagógicas que irão acontecer nas classes do ensino fundamental de forma autônoma, visando a preparação da criança para sair de um movimento cotidiano para o espaço de aprendizagem. No 1º ano do ensino fundamental, essa prática mostra-se ainda mais relevante, considerando o contexto de transição vivenciado da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, que envolve mudanças significativas nas práticas pedagógicas, no ambiente escolar e na rotina diária que impactam diretamente no processo de alfabetização, exigindo uma atenção especial por parte dos profissionais da educação que atuam nesse ano/série.

É nesse contexto que se insere o presente relato, destacando o momento de acolhida como prática pedagógica essencial para a alfabetização. Este estudo nasce da vivência prática durante a atuação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em que foi possível observar o que os docentes determinam como o momento de acolhida na sala de aula e a forma como pequenas atividades de leitura e escrita são inseridas na rotina escolar. Para

a sustentação teórica dos conceitos abordados utilizou-se Abreu (2001); Silva (2021); Soares (2004).

Dessa forma, objetiva-se analisar o momento de acolhida como prática pedagógica para promover a aprendizagem da leitura e da escrita no 1º ano do Ensino Fundamental.

2 METODOLOGIA

As experiências documentadas foram observadas em agosto de 2025, durante a participação no PIBID, em duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira de Azevedo. As atividades ocorreram no turno vespertino, onde foram feitas as observações participantes com o objetivo de compreender a rotina do 1º ano do ensino fundamental.

Cabe ressaltar que as experiências, denominadas de momento de acolhida, ocorreram na segunda e terceira semana do mês de agosto do ano de 2025, envolvendo um total de dois professores e quarenta crianças, em média. Uma das experiências diz respeito ao preenchimento coletivo de cartazes informativos presentes na sala, que tinham como conteúdo a “palavra do dia” e o “número do dia”. Na outra experiência, o momento da acolhida contou com atividades digitais, nas quais as crianças acessavam jogos online com o objetivo de relacionar palavras e imagens. Para a análise foram observados aspectos como interação entre os pares e mediação docente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os pressupostos de Soares (2004), no primeiro ano do ensino fundamental, o processo de alfabetização vai muito além da decodificação de letras, envolvendo desde o funcionamento do sistema de escrita até o desenvolvimento de habilidades que visam a inserção dos estudantes na cultura da leitura e da escrita. Nesse sentido, os momentos de acolhida devem ser pensados e organizados com objetivos pedagógicos definidos transformando-os numa prática pedagógica ainda mais sistemática e centrada no estímulo à aprendizagem. A utilização do momento de acolhida para a inserção de atividades voltadas à leitura e escrita foi a forma encontrada para estimular o desenvolvimento dessas habilidades no 1º ano. o uso de um chromebook, contendo um jogo de associação, em que a criança era estimulada a ler as palavras e associá-las à sua devida imagem. Essa proposta era voltada a um número limitado de crianças, visto que o uso do equipamento era individual. Assim, a criança era convidada a realizar a atividade sob a mediação da professora, enquanto as demais trocavam ideias e interagem entre si de forma bem espontânea.

Já na turma H, o momento de acolhida era realizado mediante ao preenchimento coletivo de cartaz intitulado “palavra do dia”. Esse cartaz era preenchido inicialmente pela professora, e posteriormente, um aluno era convidado a contribuir na escrita, mediante o auxílio dos demais que o ajudavam oralmente nesse preenchimento.

Diante dos estudos, a acolhida se constitui como o momento em que as crianças entram na sala de aula e começam a compreender o ambiente como um espaço pedagógico - ou seja, um espaço de aprendizagem -, logo, tudo que acontece na sala de aula é intitulado pedagógico com base na compreensão de que a criança está aprendendo algo. Assim, a acolhida traz a ideia de demarcar que as ações realizadas antes de chegar à escola e à sala de aula são diferentes das ações que serão realizadas nesse espaço de aprendizagem. Esses momentos de aprendizagem são marcados, por exemplo, por interações e/ou trocas de ideias entre as crianças - como visto nas duas propostas -, ou entre crianças e professora, preferencialmente, de forma autônoma sem direcionamentos, ou seja, é uma atividade que estimule a leitura, a escrita e o raciocínio lógico entre as crianças nas interações com os pares.

Na experiência com os jogos digitais, é possível observar como o uso de recursos tecnológicos pode potencializar o processo de leitura e escrita, entretanto, neste momento não ocorre interação entre os pares, visto que a interação é mediada pela intervenção da docente, não existe uma troca entre as crianças. De acordo com Martins (1997), os estudos de Vygotsky propõem a teoria sociocultural do desenvolvimento a partir do sociointeracionismo, afirmando que o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido atua como um ambiente de aprendizado significativo, que não ocorre apenas de maneira individual, mas em interação social. Numa concepção pedagógica dessa análise, esse momento seria de suma importância para as crianças interagirem com a máquina e com os pares simultaneamente. Talvez com um computador por mesa em que as crianças discutiriam como cada uma estaria pensando a escrita. Assim, a experiência demonstrou mais uma intervenção individual de aprendizagem sistemática ou de atividade de acompanhamento individual ou mesmo a intenção de reforçar habilidades cognitivas do que de acolher pedagogicamente as crianças para discussões mais autônomas. Ainda que os jogos tenham promovido engajamento e desenvolvimento de competências relacionadas à leitura e a escrita, não houve um momento destinado ao diálogo ou à escuta entre eles, aspectos que Silva (2021) destaca como fundamentais no acolhimento pedagógico.

O preenchimento do cartaz coletivo promoveu um momento de interação e construção de conhecimento entre os alunos. As crianças demonstraram entusiasmo e participação ativa ao sugerirem palavras, reconhecerem letras iniciais e discutir os significados. Conforme essas informações eram registradas, os alunos se mostraram engajados, buscando conexões entre o

que viam no cartaz e os elementos do cotidiano. Essa prática remete à concepção de alfabetização defendida por Soares (2004), que enfatiza a importância de um ambiente alfabetizador rico e significativo, onde a leitura e a escrita sejam vivenciadas em situações reais de uso social da linguagem. Entretanto, embora a proposta estimule a participação das crianças e envolva conteúdos relacionados à alfabetização, configura-se como uma atividade rotineira de ensino, com uma execução de tarefas escolares convencionais, voltada para objetivos cognitivos específicos, e não para o estabelecimento de vínculos, escuta ativa ou adaptação emocional dos alunos, elementos centrais no conceito de acolhimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas atividades analisadas revelaram estratégias significativas para criar um ambiente alfabetizador desde o início da rotina escolar. Entretanto, à luz da teoria, estas não se caracterizariam como formas de acolhida, embora apresentem valor pedagógico, principalmente no contexto de alfabetização em que as crianças estão inseridas. Ao reduzir a acolhida a momentos instrucionais ou tarefas didáticas, esvazia-se seu caráter formativo e humanizador, defendido por Abreu (2001) e Silva (2021). Portanto, observa-se uma confusão conceitual entre acolher e ensinar, a partir de uma compreensão reduzida da acolhida como mero “início da aula” com alguma atividade lúdica. Como contribuição, o estudo ressalta a importância de compreender a acolhida como uma prática pedagógica estruturante na relação entre o aluno, seus pares e o conhecimento. Como contribuição, o estudo ressalta a importância de compreender o acolhimento como prática pedagógica estruturante, que favorece vínculos entre alunos, colegas e conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Rosa. Acolhimento: uma condição para a aprendizagem. **Revista Pátio**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 17-20, nov. 2000 / jan. 2001.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: FDE, 1997. Série Idéias, n. 28, p. 111-122.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, Porto Alegre, v. 8, p. 18-22, 2004.

SILVA, Vilma Maria da. A importância do acolhimento e escuta na Educação Infantil. **Revista Primeira Evolução** [recurso eletrônico], São Paulo: Edições Livro Alternativo, ano 2021, ed. 22, p. 79-83. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/170>. Acesso em: 02 set. 2025.